

O LUGAR DA PERSONAGEM NOS GÉNEROS DE OPINIÃO: «CARLOS CRUZ» NO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O EURO 2004 E O PROCESSO CASA PIA

O propósito deste artigo é fazer a análise do tratamento jornalístico, em artigos de opinião, da «personagem» Carlos Cruz, conhecido produtor e apresentador da televisão portuguesa, cujo nome esteve directamente envolvido em dois acontecimentos de grande projecção mediática: a atribuição da organização do Campeonato Europeu de Futebol a Portugal, e o escândalo de pedofilia na Casa Pia de Lisboa.

A escolha destes dois momentos mediáticos não tem como intenção central desenvolver uma análise comparativa entre eles em termos de projecção e impacto nos media, desde logo porque o primeiro se esgota num curto período de tempo (Carlos Cruz dá por terminado o seu contributo para o evento, logo após a vitória da candidatura portuguesa) e o segundo está ainda a decorrer.

A decisão da UEFA sobre o país que irá organizar o Campeonato da Europa de Futebol de 2004 é conhecida a 12 de Outubro de 1999. Portugal é o escolhido e os jornais fazem eco da vitória. Por entre louvores a governantes e dirigentes, sobressai o nome de Carlos Cruz, Presidente da Comissão de Candidatura. Nos dias que se seguem, discute-se quem irá ficar à frente da estrutura organizativa do evento e Carlos Cruz é o preferido para o cargo; no entanto, recusa, alegando já ter cumprido o seu papel. Retira-se num momento alto do seu reconhecimento público e retoma a sua actividade na televisão.

O seu nome surgirá nos jornais três anos depois. A 22 de Novembro de 2002 a investi-

Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação Social

Maria José Mata

Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias

Escola Superior de Comunicação Social

gação SIC/Expresso revela a existência de casos de pedofilia na Casa Pia, em Lisboa. No dia 25, Carlos Silvino, antigo funcionário da Casa Pia é detido pela Polícia Judiciária, alegadamente por ter violado dezenas de menores da instituição. No mesmo dia, Luís Rebelo, provedor da Casa Pia, é demitido pelo ministro da Segurança Social, Bagão Félix, e um dia depois Teresa Costa Macedo – que tutelou a Casa Pia entre 1981 e 1983, como Secretária de Estado – entrega à PJ relatórios que alegadamente provam que as autoridades tinham conhecimento da situação desde 1982. Surge então o nome de Carlos Cruz como tendo sido referido por uma das testemunhas citadas no relatório e, a 28 de Novembro, o apresentador defende-se publicamente nas televisões. Dois meses depois, a 31 de Janeiro de 2003, é preso.

A atribuição da organização do Euro 2004 e o processo de pedofilia da Casa Pia são dois acontecimentos que marcarão a agenda jornalística do país pelo ineditismo e impacto que causam, embora o primeiro tenha ocorrido num contexto de previsibilidade maior do que o segundo, dado ser consequência de um evento previamente agendado. São duas «estórias», cruzadas de muitas histórias, com um protagonista em comum: uma figura mediática.

Os meios de comunicação são responsáveis pela mediação simbólica da realidade. Ao produzirem discursos sobre a realidade, os media, esperam que o leitor ou o ouvinte construam uma representação textual e um modelo situacional segundo a intenção de quem escreve (Van Dijk, 1996: 22).

Nas páginas dos jornais, informação e opinião dividem tarefas na exposição dos acontecimentos. No que respeita à opinião, diferentes vozes servem as intenções editoriais de demonstração de pluralidade de ideias e confronto de perspectivas, com vista a ajudar os leitores a construir a sua própria opinião sobre os assuntos. Os espaços de opinião não traduzem apenas a manifestação de uma tomada de posição por parte dos colunistas ou dos editores; eles configuram estratégias persuasivas, com vista à adesão dos leitores (quer à retórica do colunista, quer aos valores do jornal), mediante a apresentação de argumentos considerados válidos e consistentes. Aqui, não são os factos a matéria-prima essencial, mas a emanação ideológica (de efeitos performativos) produzida por esses factos.

A presente análise incide exclusivamente nos artigos de opinião, publicados em dois jornais diários generalistas – *Público* e *Diário de Notícias* – e dois semanários – o *Expresso* e *O Independente*. Foram considerados dois períodos-chave: o primeiro, de Outubro a Dezembro de 1999, corresponde à revelação do resultado da candidatura portuguesa à organização do Europeu de futebol, e à glorificação de Carlos Cruz como o grande obreiro da vitória; o segundo, entre Outubro de 2002 a Março de 2003, acompanha as primeiras revelações sobre abusos sexuais de crianças da Casa Pia e a prisão de Carlos Cruz, como um dos arguidos.

O nosso objectivo é aferir a forma como o discurso ideológico sobre estes dois acontecimentos trabalhou um dos seus principais protagonistas: Carlos Cruz.

Começamos por detalhar o modo como os jornais organizaram o seu discurso de opinião.

Os dois eixos do discurso de opinião: euforia e disforia

Do ponto de vista retórico, os géneros de opinião assentam no *ethos* (no sentido Aristotélico) do seu autor. Este *ethos* pode ser manifestado através dos valores, preferências, intenções e finalidades, que constituem o *ethos nuclear*, centro nevralgico do *ethos* retórico (Cf. Pan: 1996).

Neste *ethos nuclear* inclui-se a presença do autor no texto como mais um personagem, caracterizado de tal modo que se destacam os traços que o dotam de credibilidade (entre eles, a competência ou conhecimento sobre um tema). No discurso sobre o Euro e no discurso sobre o processo Casa Pia o *ethos* dos articulistas manifesta-se de forma diferente em relação, quer aos acontecimentos, quer em relação à personagem «Carlos Cruz».

A vitória sobre a candidatura espanhola à organização do Euro 2004 e as revelações sobre crimes de pedofilia praticados sobre crianças da Casa Pia aparecem no discurso da imprensa a partir de dois eixos opostos de significação: euforia e disforia, respectivamente.

O discurso sobre a atribuição da organização Euro 2004 é assumidamente eufórico. É um feito inédito. Pela primeira vez, Portugal vai organizar este evento e, depois da Expo'98, o Euro 2004 surge, simultaneamente, como um motivo de orgulho e de reforço da auto-estima nacional, e como um desafio, uma «grande oportunidade» que o país não pode falhar. A 16 de Outubro, no *Diário de Notícias*, Madalena Mendes escreve: «na hora da vitória o país falou, gritou, saltou de alegria e os analistas escreveram que Portugal está na moda».

A maior parte das peças de opinião sobre este tema, nos quatro jornais analisados, situam-se nas secções especializadas de Desporto, onde os autores dominam o assunto e argumentam com a autoridade que lhe é conferida por esse saber. A coluna é o género de opinião predominante em todos os jornais analisados. No *Público* e no *Expresso* a distribuição é equilibrada pelos restantes géneros; no *Diário de Notícias* a crónica está em segundo lugar de ocorrência (surge precisamente na secção de Desporto), e *O Independente* tem apenas mais um barómetro¹ e um comentário, para além de seis colunas (ver quadro 1). As unidades de redacção opinativas sobre o tema ocorrem maioritariamente nos dias imediatos à divulgação da notícia e permanecem apenas durante o primeiro mês. Durante este período, enquanto as unidades informativas dão voz à reacção de políticos e dirigentes, os espaços de opinião acentuam a desilusão da Espanha e valoriza-se a personagem Carlos Cruz (CC) pela vitória, relembrando o seu percurso profissional e os seus maiores êxitos. O tom é de regozijo generalizado.

Quadro 1
O Euro 2004 nos géneros de opinião
CC + Sem CC

	Público+ Pública	Diário de Notícias+ DNA	Expresso+ Revista/Única	O Independente+ Caderno 3 ²
Barómetro	0	0	2	1
Perfil	2	1	1	0
Coluna	3	14	8	6
Editorial	1	0	1	0
Crónica	0	6	0	0
Comentário	2	2	2	1
Cartoon	2	0	0	0

¹ Optou-se, na definição da grelha de géneros para a presente análise, por designar «barómetros» as colunas que fazem uma ordenação avaliativa do comportamento das figuras públicas (Ex: «mais ou menos», «sobe e desce», etc.)

² No período entre 2002 e 2003 *O Independente* não publicou qualquer caderno

As primeiras revelações sobre o caso Casa Pia surgem na sequência de uma investigação da jornalista Felícia Cabrita, do *Expresso*. O tom dominante na imprensa é de incredulidade e indignação. Palavras como «escândalo», «vergonha», «nojo» e «pesadelo» vão marcar os discursos nos dias e meses que se seguem. A disforia é reforçada com a constante evocação do «silêncio» (expressão citada por cinco vezes no *Expresso* e quatro no *Diário de Notícias*, em espaços de opinião) cúmplice das entidades que tutelavam a Casa Pia e da necessidade de apuramento de responsabilidades.

A coluna é, mais uma vez, o género que se destaca em todos os jornais, em termos de ocorrência. Nos casos do *Público*, *Diário de Notícias* e *O Independente* segue-se o editorial; no *Expresso*, o barómetro. Note-se que o *Expresso* foi o responsável pela investigação que deu a conhecer o caso e é o que tem menos editoriais, o que pode significar a necessidade do jornal se distanciar (ver quadro 2).

Quadro 2
A Casa Pia nos géneros de opinião
CC + Sem CC

	Público+ Pública	Diário de Notícias+ DNA	Expresso+ Revista/Única	O Independente+ Caderno 3 ³
Barómetro	0	0	5	3
Perfil	1	1	3	1
Coluna	14	27	19	27
Editorial	7	5	2	4
Crónica	0	1	0	0
Comentário	5	4	1	2
Cartoon	2	1	0	2

A retórica dos discursos sobre os dois acontecimentos tem no seu centro uma personagem, neste caso um famoso apresentador de televisão.

É a partir do lugar da personagem que o discurso se estrutura. É com referência a esta que o leitor estabelece um sistema de valores internos à narrativa. Em que espaços e com que qualificativos a constrói? Como é que esta se define, na narrativa de opinião?

Em torno da definição da personagem

Como refere Salman Rushdie, «a criação de personagens está a tornar-se uma parte substancial do jornalismo. Os perfis e as rubricas sociais tipo «gente» (...) nunca como agora ocuparam tanto lugar nos jornais. Esses retratos são vistos de perfil: nunca se encara o sujeito de frente, faz-se incidir sobre a pessoa um olhar de esquelha (...). No entanto, as imagens criadas nesses textos estranhos (...) possuem uma força extraordinária – é praticamente impossível à pessoa de carne e

³ No período entre 2002 e 2003 «O Independente» não publicou qualquer caderno.

osso modificar pelas suas palavras e pelos seus actos a impressão que deles se desprende – e, graças ao poder dos arquivos, eles perpetuam-se.» (*Apud* Mesquita, 2003: 125)

A personagem jornalística, aparece quase sempre traduzida numa «*mimésis* rudimentar» (Couégenas, 1992: 153), articulada em torno de um conjunto de qualidades fundamentais que dão maior eficácia à narrativa e facilitam a identificação das personagens, relegando para segundo plano o enriquecimento do seu perfil (Cf. Mesquita, 2003).

Nesse processo de simplificação, a personagem é quase sempre heroicizada, construída com base em atributos que a projectam e projectam o mundo através dela.

A análise detalhada dos atributos físicos e psicológicos/morais da personagem Carlos Cruz permite verificar que a heroicização é particularmente evidente na apreciação da sua actuação enquanto presidente da comissão de candidatura à organização do Euro 2004; no entanto, muitos desses atributos irão ser retomados mais tarde para proceder à sua redefinição identitária quando é detido no âmbito do processo Casa Pia.

De entre esses atributos, destacam-se os de natureza psicológica/moral e estes referem-se principalmente ao seu desempenho enquanto profissional (ver quadros 3 e 4).

Quadro 3

Atributos físicos de CC referidos nos espaços de opinião relativamente ao seu envolvimento no processo de pedofilia da Casa Pia.

	Público+ Pública	Diário de Notícias+ DNA	Expresso+ Revista/Única	O Independente+ Caderno 3
Atributos físicos	<ul style="list-style-type: none"> – sobreviveu a um carcinoma na garganta – 62 anos – rosto inverosímil – olhos em lágrimas 	<ul style="list-style-type: none"> – Lágrimas nos olhos* – atávica miséria 	Sem atributos referidos	– encarcerado

* Atributos de CC enquanto pessoa (vs enquanto profissional)

Nos casos que aqui analisamos, a atribuição do Euro 2004 a Portugal aparece nos jornais como uma conquista heróica, projectada como feito de uma nação e de um homem: «E, durante um ano e meio, foi o produtor, o criativo, o artesão e o apóstolo da ambição portuguesa. (...) foi ele o impulsionador e a cara do projecto e da vitória de Portugal. O governo fica a dever-lhe aquela que será, porventura, a maior obra dos seus mandatos. E o futebol português, que se vem afundando na Europa a nível de clubes e em Portugal a nível de dirigentes, pode agradecer-lhe aquele que será o ponto de viragem nos seus hábitos e mentalidades de paróquia.», escreve, a 16 de Outubro de 1999, Fernando Madrinha, no *Expresso*.

Trata-se do mesmo homem que, cerca de três anos depois, há-de surgir nas páginas dos mesmos jornais como um dos acusados no processo de pedofilia da Casa Pia de Lisboa. O discurso sobre os acontecimentos, mais uma vez, projecta-se no discurso sobre o país, mas agora de forma invertida: se a organização do Euro 2004 contribuiu para o reforço da imagem positiva do país, os crimes de pedofilia confrontam-no com a sua imagem negativa. «Estamos, como de costume, perante um poço sem fundo. A questão da Casa Pia confirma – no pior momento e da maneira mais brutal – a justa desconfiança dos portugueses no Estado», escreve Vasco Pulido Valente, no dia 29 de Novembro

de 2002, no *Diário de Notícias*. Um dia depois, no *Expresso*, José António Lima prossegue: «O caso da pedofilia continuada e impune que, ao longo de décadas, vem vitimando as desprotegidas crianças da Casa Pia tem a virtude, para lá da onda de repulsa e indignação que naturalmente suscita, de confrontar o país consigo próprio.(...) Eis um Estado que se habituou, tal como o país, a demitir-se das suas obrigações.»

Quadro 4

Atributos psicológicos/morais de CC referidos nos espaços de opinião sobre o Euro e sobre a Casa Pia⁴

	Público+ Pública	Diário de Notícias+ DNA	Expresso+ RevistaÚnica	O Independente+ Caderno 3
Atributos psicológicos/morais	<ul style="list-style-type: none"> - velho ídolo - ícone - incontornável - confiança - estabilidade - afetividade popular - comunicador popular - depressão profunda* - admitiu o suicídio - conseguiu os favores do público - rosto e voz de inúmeras campanhas - trabalho profissionalíssimo** - vedeta - sem máscara profissional** - hábil manipulador do silêncio** - frágil*+** 	<ul style="list-style-type: none"> - sereno* - mágoa* - vítima* - actor consumado - próximo de Guilherme Tell - figura emblemática dos media nacionais** - rigoroso - determinado - vencedor - irresistível* - mau feito* - identidade confundido-se com a da própria televisão - estrela de televisão - parte do imaginário do povo português - competência - perseverança - querido amigo e colega* - senhor televisão 	<ul style="list-style-type: none"> - criou laços de afetividade - a sua imagem nunca mais será a mesma - humilhação* - experimenta a face negra da fama* - convincente na defesa* - força persuasiva - mestre do «bluff» - excepcional comediante - inocente ou grande actor* - produtor, criativo, artesão e o apóstolo da ambição portuguesa** - impulsionador - negociador de alto gabarito** - senhor Quinto Canal - irritante - teimoso - dedicado à família - herói nacional - excelente entrevistador - afável - tímido - provocador - inteligente - culto - decano da TV 	<ul style="list-style-type: none"> - senhor televisão - o mais popular apresentador de televisão - enorme notoriedade - crucificado por meio Portugal - imagem reputada - sofrimento* - popularidade - carinho - notoriedade positiva - referência emotiva da sociedade portuguesa

* Atributos de CC enquanto pessoa (Vs enquanto profissional= sem asterisco)

** Atributos de CC enquanto profissional referente ao seu papel na vitória da candidatura portuguesa ao Euro 2004.

⁴ Optou-se por transcrever literalmente as expressões atributivas utilizadas pelos jornais.

Carlos Cruz surge como a âncora fundamental desta projecção negativa: «A sociedade portuguesa, abalada com este caso, só espera que ele seja resolvido rapidamente, mas ficará muito triste se vier a perceber-se que as suas referências emotivas e queridas vão sendo destruídas na voracidade de uma sociedade que vai perdendo valores», acentua João Carlos Silva, a 7 de Fevereiro, n' *O Independente*.

Esta estratégia projectiva faz parte de um movimento mais vasto que engloba a noção de «reconhecimento socialmente identitário» (Klein e Marion, 1996: 55). Partindo da noção de reconhecimento como um processo pelo qual a identidade é revista e actualizada, o reconhecimento da personagem como pessoa real está directamente associado a um auto-reconhecimento projectivo. Identificarmo-nos com a personagem, sentirmos por ela compaixão, empatia, desprezo ou indiferença é auto-reconhecemo-nos por detrás dela.

A correspondência entre a pessoa real e a personagem é, no caso dos media, construída com base em critérios de verosimilhança, que facilitam a identificação.

Se, no que respeita ao Euro, a caracterização de Carlos Cruz passa pela alusão à sua determinação de carácter, à sua inteligência, ao momento de felicidade pessoal que atravessa, à sua dedicação à família, no que respeita ao seu envolvimento no escândalo da Casa Pia, essa caracterização é colocada em confronto com novos factos, que obrigam à definição de uma nova identidade, conflitual em relação à primeira. Daí que as reacções iniciais, nas páginas dos jornais, sejam de resistência aos novos padrões identitários. No *Público* de 4 de Fevereiro de 2003, Eduardo Prado Coelho escreve: «O deslizar de todas as instâncias estáveis é que nos deixa em estado de choque, como se os olhos em lágrimas de Carlos Cruz, em que acreditámos sem hesitações, fossem hoje a queda lenta num labirinto de espelhos em que não há referências nem paredes verticais». No dia seguinte, no mesmo diário, Joaquim Fidalgo afirma: «Queremos que seja mentira, precisamos que seja mentira, para que as coisas cá dentro continuem a fazer sentido e a ter aquela harmonia mínima em que assentamos as nossas crenças e valores». Também Ana Sá Lopes se refere a Carlos Cruz no jornal *Público* de 8 de Fevereiro de 2003: «O país entrou numa depressão profunda com a prisão de Carlos Cruz, ícone de sucessivas gerações», sublinhando ainda a sua notabilidade ao afirmar que «não foi em vão que o Governo, quando foi preciso fazer a campanha de transição para o euro e a candidatura ao Europeu de 2004, recorreu aos seus serviços».

Em alguns casos, essa resistência traduz-se ainda numa recusa assumida. N' *O Independente* de 7 de Fevereiro de 2003, João Carlos Silva afirma mesmo: «Em primeiro lugar, quero dizer que acredito inteiramente em Carlos Cruz e que considero impossível que ele tenha praticado as acções que lhe são imputadas». Na mesma linha, Helena Sacadura Cabral escreve, a 8 de Fevereiro no *Diário de Notícias*: «Recuso-me, neste momento, a falar dos acontecimentos do último fim-de-semana, porque um dos envolvidos é alguém que estimo e acredito estar inocente, a menos que a justiça me prove o contrário.»

O facto de Carlos Cruz ser uma figura pública, que tem um conhecimento e um acesso aos meios de comunicação igual ao dos articulistas que agora escrevem sobre ele, vai ser determinante para a forma como os meios de comunicação, e neste caso os jornais, desenvolvem a sua linha argumentativa sobre os acontecimentos.

A figura pública como personagem jornalística

A «figura pública» é a expressão da personalização da vida pública. A exposição mediática contribui decisivamente para o reconhecimento público da personagem, ao mesmo tempo que comunica e exterioriza a sua posição identitária. Além disso, ao determinarem quem tem acesso aos media, as instâncias decisoras estão já a efectuar um reconhecimento (Cf. Klein e Marion, 1996). Na base dessas decisões estão critérios de notoriedade estabelecidos em função das determinações sociais, políticas, económicas e editoriais do meio.

Carlos Cruz, na sua condição de apresentador de televisão, tinha um acesso privilegiado aos media. Era uma figura pública. A pessoa e a personagem mediática subsumiam-se numa imagem de credibilidade que fundava a sua identidade. O discurso jornalístico de opinião sobre o Euro 2004 e sobre o processo Casa Pia constituiu-se, assim, como um espaço metadiscursivo onde a personagem jornalística se constrói com base numa personagem mediática e onde o próprio discurso se auto-reflecte. Isso é visível na forma como é feita alusão constante à identidade mediática de Carlos Cruz, na valorização e desvalorização que lhe é atribuída nos dois acontecimentos e na auto-crítica que se exprime ou subentende, nas páginas de opinião dos jornais, sobre a forma como, especialmente, o processo Casa Pia, e particularmente Carlos Cruz, é tratado.

A 8 de Fevereiro, no *Diário de Notícias*, Vasco Pulido Valente escreve: «De resto, o país (...) é agora Carlos Cruz.» Não disse *pedofilia*: disse *Carlos Cruz*. «(...) faltava uma estrela para a pedofilia se tornar um bom espectáculo. Carlos Cruz foi essa estrela e parece que acordou a consciência moral da nação. Claro que, apesar das poses, ninguém ou quase ninguém, está interessado na pedofilia em si. É como se ela fosse um simples problema de polícia, essencialmente estranho à sociedade em que vivemos. O público quer assistir à execução (ou à redenção) de Carlos Cruz, não quer ver nem pensar na sua atávica miséria. A desgraça dos “grandes” consola a impotência dos pequenos, com o sentimento de uma falsa igualdade». No dia seguinte, no mesmo jornal, Paulo Cunha e Silva aduz: «Carlos Cruz é alguém cuja identidade se confunde com a identidade da própria televisão. A pele da sua cara misturou-se com a pele do ecrã. E quando a pele do ecrã mostrava manchas patológicas de mau prognóstico, o carácter de Carlos Cruz funcionava como antídoto. (...) Se Carlos Cruz for culpado é o fim definitivo da televisão enquanto instância de ligação com a realidade. A última machadada sobre a verdade televisiva».

O ónus da responsabilidade de manter inalterado um reconhecimento mediático, conquistado ao longo de anos de uma carreira celebrada, é acentuado com a alusão permanente às suas marcas identitárias: o «senhor televisão», o «senhor quinto canal», o «decano da televisão».

Num perfil do *Expresso*, de 8 Fevereiro de 2003, o horizonte de ruptura com a identidade prévia é definido da seguinte forma: «Fez-se na rádio e tornou-se o rosto da TV. A sua prisão deixou os portugueses em estado de choque (...) Fechado numa cela, tornou-se personagem de um daqueles «reality shows» que não agradam mas que todo o país acompanha. O decano da TV era uma visita assídua dos lares portugueses. Deste trauma já ninguém nos livra».

A 8 Fevereiro de 2003, José António Saraiva, ainda no *Expresso* chama-lhe «O mestre do “bluff”». Há, na nova condição de Carlos Cruz, uma espécie de cruzamento de papéis mediáticos: o profissional que conhece e domina as regras de funcionamento dos media, estando apto a fazer

reverter essas competências a seu favor, é, simultaneamente, o que mais tem a perder com elas. «As multidões gostam de heróis, precisam de heróis e são sinceras quando os aplaudem. (...) Mas a humilhação que sofre uma figura pública ao ser presa num processo como este é incomensuravelmente maior do que sofreria uma pessoa qualquer. (...) Mesmo depois de sabermos que Carlos Cruz foi detido, o seu testemunho convence-nos da sua inocência. (...) Se estiver inocente, a multidão vai sentir-se defraudada: a necessidade de sangue não será satisfeita. Se for declarado culpado, temos de reconhecer que, além de notável apresentador de televisão, Carlos Cruz é um excepcional comediante. Mas, afinal, não é ele o apresentador que sempre melhor fez “bluff” com os concorrentes nos concursos televisivos?».

N’O *Independente* de 7 de Fevereiro de 2003, João Carlos Silva acrescenta: «Os danos de imagem que esta situação causa a Carlos Cruz são semelhantes a cortar-se as mãos a Júlio Pomar ou arrancar-se as cordas vocais a Dulce Pontes. Dificilmente poderá retomar a sua actividade nos mesmos termos em que a praticava, independentemente do desfecho que o processo vier a ter (até porque o julgamento e a condenação estão já a ser feitos na praça pública)». O grau de exposição mediática a que Carlos Cruz é sujeito – superior ao dos restantes arguidos no processo Casa Pia – configura o perigo desse julgamento prévio. Há, no subtexto da avaliação que os jornais fazem do impacto dos acontecimentos sobre a imagem de Carlos Cruz enquanto figura pública, um apelo implícito à auto-contenção e à auto-reflexão sobre o seu papel no desenrolar dos acontecimentos.

Estrela Serrano, na sua coluna do «Provedor do Leitor» no *Diário de Notícias*, em 17 de Fevereiro do 2003, é explícita na condenação à actuação dos media no período que sucedeu à detenção de Carlos Cruz: «Os media foram, pois, nesses dias, o lugar da catarse nacional. (...) A detenção de uma figura que mobilizou, durante anos, o afecto e admiração dos portugueses colocou os jornalistas – como muitos outros cidadãos – perante a dificuldade de compreender como é que um dos ícones da televisão portuguesa pode ser acusado de violência sexual contra o bem mais caro a uma sociedade – as suas crianças. (...) Excitados com o caudal e a natureza das revelações, inebriados pela subida das audiências, muitos jornalistas esqueceram que jornalismo é selecção, investigação, enquadramento e que nem tudo o que pode ser publicado, deve sê-lo».

O lugar da personagem no discurso sobre os acontecimentos

Os media são, portanto, espaços privilegiados de criação e de transmissão de fenómenos de reconhecimento e de identificação. A partir do momento em que é modalizada pelos media, a pessoa torna-se personagem.

Ao ser unanimemente apontado como o grande responsável pela conquista da organização do Europeu de Futebol, a imagem pessoal e profissional de Carlos Cruz é reforçada nas páginas dos jornais. O *Expresso* e o *Diário de Notícias* foram os que publicaram maior quantidade de artigos de opinião centrados na personagem de Carlos Cruz, sendo de destacar o facto de o *Público* ser, de entre todos, o que menos peças publicou e de o *Independente* fazer uma alusão apenas marginal à personagem na maioria das suas peças.(ver quadro 5).

Quadro 5

O Euro 2004 e a alusão a Carlos Cruz nos géneros de opinião

	Público+ Pública		Diário de Notícias+ DNA		Expresso+ Revista/Única		O Independente+ Caderno 3	
	Out/ Dez. 99	Out. 02/ Mar. 03	Out./ Dez. 99	Out. 02/ Mar. 03	Out./ Dez. 99	Out.02/ Mar. 03	Out./ Dez. 99	Out. 02/ Mar. 03
U. R. Com alusão periférica à personagem	2	0	3	0	0	0	5	0
U.R. Com atenção centralizada no personagem	2	0	5	0	6	0	1	0

Após o momento de celebração dos factos e da sua pessoa, Carlos Cruz desapareceu dos artigos de opinião sobre o acontecimento, poucas semanas depois, naturalmente por deixar de estar ligado às estruturas organizativas do Euro 2004.

No que se refere ao processo Casa Pia, a detenção de Carlos Cruz, três meses depois das primeiras revelações, veio introduzir no discurso sobre os acontecimentos uma nova *nuance*: a delimitação do espaço da personagem dentro do espaço do acontecimento implicou a substituição de uma retórica patética (*pathos*) por uma retórica ética (*ethos*). À condenação emocionada dos factos sobreviveu a interrogação da culpabilidade da personagem. Nesta estratégia o discurso tece-se a partir da recuperação da imagem pessoal e profissional de Carlos Cruz.

Os dias seguintes à sua prisão preventiva foram marcados por um caudal noticioso intenso e os artigos de opinião reflectiam incredulidade e expectativa sobre a actuação da Justiça. Nas referências sobre o seu prestígio profissional incluem-se algumas vezes notas sobre o seu papel no Euro, mas vão estando cada vez mais ausentes à medida que o caso se vai adensando com informações sobre o seu eventual relacionamento com outras figuras indiciadas.

Embora as primeiras alusões ao seu envolvimento nos crimes de pedofilia da Casa Pia datem de Novembro de 2002, a maior parte das peças opinião que fazem alusão ao nome de Carlos Cruz serão publicadas após a sua detenção, em Janeiro de 2003. O jornal que refere mais vezes o seu nome em peças de opinião é o *Diário de Notícias*, seguindo-se *O Independente*, o qual, sendo um semanário, centrou muito mais os seus discursos de opinião sobre a personagem do que o *Expresso*, o semanário que iniciou a investigação sobre os crimes. (ver quadro 6).

No que respeita ao grau de destaque dado à personagem em cada jornal, é de referir que *O Independente* publicou mais do dobro das peças de opinião centradas em Carlos Cruz do que o *Expresso*, o mesmo acontecendo no *Diário de Notícias* em relação ao *Público*. Verifica-se, nesses dois jornais, uma maior predisposição para a personalização do acontecimento: no caso do *Diário de Notícias*, a discussão centra-se no questionamento das consequências dos acontecimentos para a imagem pública da personagem; no caso d'*O Independente*, enfatiza-se o papel das instituições e os danos causados por um julgamento precipitado de toda a sociedade.

Embora o apelo à apreciação desapassionada do «escândalo Casa Pia» seja comum aos quatro jornais, é mais notório no *Público* e no *Expresso*, cujas análises frequentemente descentram a figura de Carlos Cruz, para dar protagonismo ao processo de pedofilia de forma global.

Quadro 6

O «caso» Casa Pia e a alusão a Carlos Cruz nos géneros de opinião

		Público+ Pública	Diário de Notícias+ DNA	Expresso+ Revista/Única	O Independente+ Caderno 3
		Out. 02/Mar. 03	Out. 02/Mar. 03	Out. 02/Mar. 03	Out. 02/Mar. 03
U. R. Com alusão periférica à personagem	O jornal que maior	5	9	2	5
U.R. Centradas no personagem	Relação com o Euro 2004	2	0	1	0
	Sem relação com o Euro 2004	2	8	3	8

Logo após a sua detenção apresenta-se a incredulidade da «voz do povo», através de algumas opiniões de rua apresentadas como representativas de todo o país. Os meses passam e a libertação não se apresenta como uma possibilidade imediata: as opiniões populares não marcam as peças, a emoção abranda. A retórica do discurso jornalístico altera-se. As informações disponíveis não são ainda suficientes para a construção de uma argumentação distanciada. A tónica sobre o papel da Justiça acentua-se com o passar do tempo, apelando-se à serenidade e à espera pelos resultados das investigações, para não ser feita uma condenação injusta em praça pública, como se pode verificar, n'*O Independente* de 14 de Fevereiro de 2003, onde Paulo Pinto Mascarenhas afirma: «Carlos Cruz merece, obviamente, o benefício da dúvida e a presunção de inocência, apesar de já ter sido crucificado por meio Portugal». Ainda neste semanário, no dia 7 de Março de 2003, Miriam Assor afirma: «Eu nunca me tinha pronunciado sobre o ex-locutor do «Pão com Manteiga», não sou sua amiga pessoal, tão-pouco quem o advoga na justiça é meu familiar. Mas se fosse tudo isto, pensaria igual – não cambaleio em defender um espírito da quarta classe; até que a lei não se pronuncie, é uma farpa perigosa, uma injustiça titânica, denunciá-lo pedófilo, iraquiano ou secretário-geral do Casal Ventoso. Esperar nunca fez mal a ninguém».

No primeiro momento, os autores assemelham-se a porta-vozes da opinião pública, e só no segundo momento a intervenção se dirige para a construção da opinião pública. Então, ficam definidas as principais linhas a debater. Como refere Eduardo Prado Coelho, na sua coluna do jornal *Público* de 2 de Dezembro de 2002, «os movimentos de opinião têm ciclos previsíveis», fazendo notar que sobre a questão da pedofilia, «depois da indignação em catadupas vieram os artigos da moderação e da ponderação».

De entre os géneros de opinião sobre o assunto, cabe fazer aqui uma chamada de atenção final para os editoriais, pela sua natureza vinculativa específica à identidade do jornal.

A personagem Carlos Cruz surge nos editoriais apenas quando estes respeitam aos acontecimentos da Casa Pia. O seu nome não aparece em editoriais no período respeitante à vitória da candidatura portuguesa ao Euro 2004, nem é feita qualquer alusão ao seu papel nesse evento.

Os editoriais dos jornais semanários referem-se, tal como os editoriais dos diários, ao processo de pedofilia na Casa Pia salientando a inacção do Estado, o silêncio dos responsáveis, o choque para o país, mas ao contrário daqueles não se pronunciam criticamente sobre Carlos Cruz. O seu nome

surge referenciado como estando ligado ao caso, mas sem atribuição de qualificativos ou especulações sobre o alegado envolvimento. Especialmente o *Expresso*, semanário responsável pela investigação que viria a tornar público o caso, não expressa a sua opinião sobre Carlos Cruz nos editoriais, remetendo as análises opinativas para outros espaços. N' *O Independente* aborda-se o caso do eventual sócia de Carlos Cruz, investigado pelo jornal. «A possibilidade de um erro destes é assustadora», afirma Inês Serra Lopes no dia 14 de Fevereiro, sobre a hipótese de as vítimas terem tomado outra pessoa pelo apresentador de televisão.

O *Diário de Notícias* recupera o momento em que Carlos Cruz utiliza as televisões para alegar a sua inocência quando foi acusado de pedofilia dois meses antes da sua detenção, para o qualificar de «actor consumado» (Mário Bettencourt Resendes, 2 de Fevereiro de 2003) se se viesse a comprovar a sua culpa. No mesmo editorial, relembra-se ainda que não era a primeira vez «que «o senhor televisão» se via vítima de rumores particularmente desagradáveis sobre a sua vida pessoal».

Nos editoriais do *Público* destaca-se a expressão «queda de um velho ídolo» (Eduardo Dâmaso, 2 de Março de 2003) e a visibilidade pública do apresentador como factor determinante para a «incredulidade e a afectividade popular suscitada pela situação de Carlos Cruz», situação que se apresenta como «um desafio quase sem paralelo para a justiça e para o jornalismo» (Eduardo Dâmaso, 2 de Fevereiro de 2003).

Verifica-se que a tendência geral dos editoriais é a de não colocar Carlos Cruz como centro do discurso, mesmo quando é referido como o nome que abalou o país, mas a de sublinhar frequentemente que todo o caso põe a descoberto as fragilidades do Estado, questiona a justiça e põe à prova o jornalismo.

Considerações finais

Esta análise permite identificar, no discurso ideológico dos jornais sobre a personagem Carlos Cruz, uma diferença nas estratégias evocativas do seu reconhecimento enquanto homem e enquanto profissional, nos dois acontecimentos considerados.

Como personagem central na narrativa de opinião sobre o Euro 2004, Carlos Cruz vê a sua identidade mediática reforçada por um discurso predominantemente eufórico, onde o seu nome é associado a atributos e eventos positivos.

Se nesta fase se evidenciam unanimemente opiniões elogiosas sobre o papel de Carlos Cruz, sem hesitações ou contrapontos, já a análise de conteúdo dos artigos sobre o processo Casa Pia revela a dificuldade de vários articulistas em opinar sobre uma destacada figura do meio, pelo choque, que admitem sentir, pela escassez de informações sobre a sua condição – inocente/culpado – mas também a afirmação clara de alguns da crença na sua inocência, embora, de uma forma geral, a culpa surja como hipótese, tão válida como a inocência do apresentador. A tónica do discurso é disfórica e inicialmente marcada pela emoção, embora o reforço da neutralidade se torne cada vez mais evidente com o decorrer do tempo. Verifica-se claramente que o espaço de opinião é, no jornal, o local onde se exercita a reunião e explicação dos elementos informativos expostos segundo uma coerência difusa nos géneros de informação. Se por um lado chegam a ser elementos correctivos nos jornais – através do apelo à contenção e serenidade no tratamento dos factos –, por outro

reflectem a dificuldade em processar informações que surgem em catadupa na comunicação social, muitas vezes contraditórias e especulativas. A ênfase colocada no carácter mediático de Carlos Cruz força os jornais a um exercício de autocrítica sobre o modo como devem cumprir o seu papel no jogo das representações da personagem.

Bibliografia

- Albertos, José L. Martínez (1997), *El ocaso del periodismo*, col. «Libros de Comunicación Global», Barcelona, CIMS.
- Couégenas, Daniel (1992), *Introduction à la paralittérature*, Paris, Seuil.
- Ivo, Nuno e Mascarenhas, Oscar (2003), *O processo Casa Pia na Imprensa*, Cadernos DQ Reportagem, 1ª edição, Lisboa, D. Quixote.
- Klein, Annabelle et Marion Philippe (1996), «Reconnaissance et Identité Face a L'Espace Médiatique», in *La Reconnaissance, Recherches en Communication*, nº 6, pp. 39-64.
- Mesquita, Mário (2003), *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*, Coimbra, Edições Minerva Coimbra.
- Pan, F. López (1996), *La columna periodística: teoría y práctica – el caso de Hilo Directo*, Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, S.A.
- Rebelo, José (2000), *O Discurso do Jornal – o como e o porquê*, col.«Media&Sociedade», Lisboa, Editorial Notícias.
- Van Dijk, Teun (1990), *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción*, Barcelona, Paidós.

